

## REPORTAGEM ESPECIAL

## Cada história de retomada no Estado é única no dia a dia da cooperativa Sicredi



SICREDI/DIVULGAÇÃO/JC

Lima lembra que 89 agências foram impactadas, mas atendimento não parou

Poucos segmentos da economia puderam testemunhar tão de perto como a Sicredi pôde a variedade de facetas de uma das virtudes mais associadas ao povo gaúcho: a coragem – no caso, para recomeçar. “Cada história de retomada é única e tem seu peso e valor. Temos muitos relatos de superação, tanto de empresas como de pessoas”, afirma Leandro Gindri de Lima, diretor-executivo da Central Sicredi Sul/Sudeste.

A cooperativa Sicredi está presente em 97% do Estado, com mais de 680 agências. Do total de associados nas localidades atingidas, cerca de 1,5 milhão são pessoas físicas, 230 mil são associados pessoas jurídica e 270 mil são

produtores rurais do Rio Grande do Sul.

Com relação às linhas de crédito emergenciais do governo federal, a instituição, como entidade repassadora, já liberou mais de R\$ 1,5 bilhão para associados. “Buscamos apoiar da forma mais ampla possível e não somente fazer os recursos financeiros emergenciais chegarem aos associados”, observa o diretor-executivo da instituição.

Próprio ou em parcerias, 16 centros de arrecadação e distribuição de donativos foram instalados em mais de 10 cidades para auxiliar colaboradores e suas famílias, associados e comunidades. As ações conseguiram juntar

quase 700 toneladas de doações.

O Sicredi também arrecadou recursos por meio de campanha nacional, que somaram mais de R\$ 20 milhões, destinados à compra de recursos e mantimentos. É da essência do cooperativismo que suas organizações surjam para melhorar as condições de vida de uma comunidade, especialmente em momentos críticos.

Só que, neste caso, o próprio Sicredi estava entre os atingidos. Durante as cheias, 89 agências acabaram diretamente impactadas e, enquanto se reconstruíam, mantiveram o atendimento aos associados, atuaram no apoio aos resgates, na arrecadação e na entrega de donativos.

## Consumo do varejo local vira bandeira

Estão nas regiões devastadas pelas chuvas de final de abril e de maio alguns dos maiores exemplos da resistência do povo gaúcho, como na cidade de Sinimbu, na região dos vales do Rio Pardiño. A lembrança é trazida pelo presidente da Federação Varejista do Estado, Ivonei Pioner, que recentemente visitou o local. As águas destruíram 100% do negócio de uma família, que tinha duas lojas e precisou recomeçar do zero. Hoje, ter conseguido reabrir uma delas é uma vitória.

“A cidade ficou incomunicável, e as pessoas, sem comida. Essa empresa usou os poucos recursos que ainda tinha para conseguir alimento para todos. A família proprietária tinha uma casa num lugar um pouco mais alto e chegou a abrigar algumas pessoas durante as cheias”, explica Pioner.

Segundo ele, o caso ilustra como a capacidade de reação foi além dos limites do negócio. “Mostra o entendimento das pessoas enquanto parte de uma cidade, e a força e coragem de começar de novo sem esquecer de ajudar os demais. É exemplo para todos.”

Mais de quatro meses depois do início da tragédia, a federação contabiliza ainda 3 mil empreendimentos de portas fechadas. Segundo o dirigente, não se trata de apenas reconstruir, mas de revisar a localização dos pontos comerciais. “Há lugares sem condições de receber famílias e empreendimentos”, destaca.

As áreas de risco precisam ser identificadas para impedir novos negócios ali. A Federação está envolvida, ainda, com a entrega de novo mobiliário e a aquisição de computadores para estabelecimentos que

perderam tudo. “Também é interessante aproveitarmos para repensar nosso negócio, porque muitas vezes essa é a chance que está sendo posta para nos reinventarmos”, alerta.

Desde os primeiros momentos do desastre, a entidade se comprometeu com diferentes campanhas. O Reergue RS coletou donativos às famílias atingidas, além de recursos e contribuições via Pix para auxiliar o comércio através das CDLS. Já o Movimento pelo RS é uma parceria firmada com a Stock Car para arrecadar doações em todas as etapas do campeonato, além de arrecadações em dinheiro.

Outro aporte financeiro, por meio de movimentos da CNDL e do SPC Brasil, com o Sicredi dobrando valor, também é citado por Pioner. Além disso, permanece em



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Ivonei Pioner destaca que dinheiro precisa gerar riquezas nas cidades gaúchas

foco a importância de incentivar o consumo de produtos gaúchos. “Quando a Federação precisa adquirir algo para uma cidade que está ajudando, compramos do comércio local. Nosso dinheiro precisa gerar riqueza nas nossas

cidades, então, seguimos empenhados nessa promoção para que as pessoas comprem do varejo local, de empresas gaúchas, fazendo girar a economia na cidade, porque isso vai dar perpetuidade aos negócios”, conclui.

## ‘Quem viveu esta tragédia sabe o quão desafiador foi’, afirma o CEO da Lojas Renner



RENNER/DIVULGAÇÃO/JC

Fabio Faccio lembra que Renner assumiu protagonismo em ações emergenciais

Que seria preciso força para reconstruir o Estado, qualquer um poderia supor ao perceber as dimensões da catástrofe climática. Mas o gaúcho deu provas de sua reação enérgica antes mesmo dessa etapa de reparação. O vigor do povo começou com uma onda de solidariedade tão intensa quanto o próprio desastre, servindo de inspiração e motivação. Uma das empresas do Estado mais atentas a essa contrapartida empática e sensível a esse contágio do bem foi a Renner.

“Agimos com rapidez para antecipar movimentos que dessem segurança e tranquilidade às

pessoas afetadas e criassem condições para que as demais, se assim desejassem, pudessem se engajar de alguma forma. Um exemplo disso foram aqueles que perderam praticamente tudo e, ainda assim, encontraram forças e dedicaram seu tempo para ajudar o próximo”, observa o CEO da Lojas Renner, Fabio Faccio. “Foi lindo ver a solidariedade se fortalecendo no momento mais crítico, e isso resgata a esperança na humanidade. Foi inspirador e emocionante. Quando você vê isso, encontra ainda mais estímulo para continuar”, completa Faccio.

Do ponto de vista de operação, a empresa foi pouco impactada.

Não teve prejuízo material e manteve o abastecimento de lojas porque não há centros de distribuição no Estado. Como marca local, identificada com o Rio Grande do Sul, logo a Renner assumiu um protagonismo em ações emergenciais, viabilizando resgates de vítimas, fazendo doações, promovendo voluntariado e dando assistência via Instituto Lojas Renner.

“Precisávamos fazer tudo o que estava ao nosso alcance para apoiar aqueles que haviam sido mais diretamente afetados, nos nossos times e fornecedores, além da população em geral”, argumenta o CEO da Renner.